

Irmão Mesquita

Pela valorização da criança

Entrevista a Vanúsia Duarte



Bernadete Nery

HOMENAGEADO em novembro do ano passado com o prêmio “Criança e Paz”, concedido pela Unicef anualmente a personalidades, instituições e organizações brasileiras que se destacam no seu esforço na luta em defesa dos direitos das crianças e adolescentes, o Irmão Raimundo Rabelo Mesquita, da Congregação dos Salesianos em Belo Horizonte, disse que a premiação é um incentivo para “prosseguir na luta”. Há 18 anos Irmão Mesquita desenvolve um trabalho junto aos meninos de rua de Belo Horizonte, aliado à Congregação Salesiana, à Arquidiocese de BH e a outras igrejas, com o objetivo de tentar modificar a atual situação dessas crianças, a partir do seu reconhecimento como cidadãos.

Nessa entrevista à REVISTA MINAS GERAIS, Irmão Mesquita fala do seu trabalho e também da importância de se implantar em definitivo o Estatuto da Criança e do Adolescente que, a seu ver, é a grande conquista da criança hoje. Na solenidade realizada no final de novembro no Palácio Cristo Rei, em Belo Horizonte, recebeu como prêmio uma escultura em bronze de autoria do artista plástico espanhol José Guerra. Irmão Mesquita é mineiro de Oliveira, cidade do Sul de Minas, tem 58 anos e há 38 pertence à Congregação Salesiana.

P — Como o senhor recebeu o prêmio da Unicef?

R — Foi interessante, porque eu estava me preparando para uma viagem à Europa, para uma série de conferências na Itália, Espanha e Suécia, quando o representante da Unicef me telefonou dizendo que precisava falar com urgência comigo, e que viria a Belo Horizonte para um encontro. Eu me assustei, pensei até que tivesse saído das regras normais, ou falado qualquer uma besteira. Mas quando o representante, sr. John Donohue, chegou a cidade, foi para me perguntar se eu aceitava, pois já havia sido escolhido pela Unicef para receber o "Prêmio Criança e Paz". Para mim foi uma surpresa muito grande, de muita emoção. Mas eu senti também que não aceitar esse prêmio. Seria ser por demais egoísta, como se tudo que se realiza, todo o trabalho que levamos adiante fosse apenas o Irmão Mesquita. Mas como nós fizemos questão de salientar, inclusive no próprio discurso da entrega, é um prêmio ao Irmão Mesquita mas que envolve a Congregação Salesiana, à qual eu pertenço, e também a Arquidiocese de Belo Horizonte, que assumiu realmente esse trabalho com o menor. Envolve um grupo de pessoas no Brasil inteiro, não apenas em Minas Gerais, com os quais nós trabalhamos na luta em defesa dos direitos da criança.

P — São setores ligados somente à Igreja?

R — Não apenas ligados à Igreja Católica. Nós dizemos que a criança hoje é o grande profeta da estrada. Na sua atitude de andrajos e miséria está gritando contra uma situação, contra uma estrutura que o marginalizou. Que marginalizou inclusive o País. Por outro lado, a gente sente que esta criança, hoje, o menor no passado e que hoje nós chamamos de criança, é o grande elemento de união das igrejas. Todos os outros discursos fizeram as igrejas se aproximarem, mas, para a prática no Brasil, a criança foi o elemento que uniu as igrejas cristãs e grupos espíritas. E nós nos unimos e formamos um grupo só em defesa dessa criança que, para nós, é a imagem e semelhança de Deus.

P — Qual é a situação da criança no Brasil hoje?

R — A situação da criança no Brasil hoje não precisamos descer a números porque todo mundo está

Há 18 anos Irmão Mesquita desenvolve um trabalho junto aos meninos de rua de Belo Horizonte, aliado à Congregação Salesiana, à Arquidiocese e a outras igrejas, buscando o reconhecimento dessas crianças como cidadãos.



vendo a realidade. Vê com os próprios olhos e sente na própria pele. Então hoje há todo um movimento em nível nacional em defesa da criança e do adolescente, que eu vejo em três grupos distintos: o primeiro que é levado realmente por um sentimento humanitário, cristão, evangélico. Outro, que é levado pelo medo, porque a criança que está aí na rua hoje ela também luta pelo seu direito de estar, de se fazer presente, então um confronto de sociedade e de grupos. São os menores por

exemplo, que estão nas portas dos colégios, aguardando aqueles que saem para fazer os assaltos. Então a sociedade hoje tem medo. Há um terceiro grupo que tenta politicamente tirar vantagem da miséria como fizeram até hoje com a seca do Nordeste. Infelizmente, nós, ainda temos muitos políticos no País que se elegem em cima da miséria, da pobreza dos outros, ou em cima dos problemas sociais.

P — Qual a importância de um prêmio como esse para a causa que

o senhor defende?

R — Eu acho que a importância do prêmio está no fato da Unicef ser uma instituição em nível mundial. Como eu disse antes, recebi telegramas de todas as partes do mundo. E isso para a gente significa uma solidariedade que, a meu ver, nessas conferências que a gente faz no interior, não é pedir dinheiro, dólares, mas para que se crie uma consciência no Primeiro Mundo, nos países desenvolvidos de que existe essa situação, é porque nós também somos oprimidos por esse Primeiro Mundo. E esse Primeiro Mundo é responsável, em grande parte, por todo o tipo de exploração do Terceiro Mundo, por esse subdesenvolvimento que tem que existir para que eles possam ter. Quer dizer, no sentido de que para se ter um Primeiro Mundo como se vive na Europa e nos Estados Unidos, será que é necessário haver tanta miséria no Terceiro Mundo? Então eu acho que essa solidariedade é mais uma transformação dessa consciência. É necessário que hoje, dentro de uma Europa desenvolvida, dentro de um Primeiro Mundo desenvolvido, crie-se nas universidades uma juventude que saiba que isso que os pais estão dando para eles é em sacrifício de uma outra grande parte da humanidade. Principalmente de crianças.

P — Seriam necessárias, então, mudanças estruturais?

R — Essa criança que está aí, é claro que ela é resultado das estruturas. Todo o trabalho que nós fazemos, seja o trabalho que nós ou outros grupos estejamos desenvolvendo, é tudo resultado do fracasso das políticas sociais do País. Fracasso da política escolar, da educação, habitacional, salarial. Então, para resolver, é necessário que sejam mudadas estas estruturas. Nós estamos trabalhando nas consequências. Mudar, trabalhar junto essa criança, o dia que nós não tivermos crianças abandonadas nas estradas, nas nossas praças, é sinal de que o País encontrou o caminho social, na sua política de salários, habitacional, saúde, educação. Então é como se fosse uma torneira aberta. À medida em que nós defendemos o direito da criança pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, defendemos o direito dela ter escola, estamos terminando com o analfabetismo no País. Quando defendemos o direito da criança

como prioridade nacional dentro de um hospital, estamos resolvendo o problema de saúde dessa criança no futuro. À medida em que estamos defendendo o direito dessa criança de poder ir e vir, estamos defendendo o direito à liberdade. Então, resolver os problemas da criança é resolver os problemas de base do País.

P — Iniciativas como essa dos salesianos e de outros setores da sociedade, desvinculadas do Governo, significam que o Governo não tem condições de assumir o problema e está deixando para a sociedade tentar uma solução?

R — Não. Absolutamente. A grande conquista hoje está no Estatuto da Criança e do Adolescente, que está sendo debatido com grupos contra e uma grande parte a favor. Ele é resultado de vários anos desse trabalho. Eu pude acompanhar desde o início, em 1981, quando começamos o movimento "Alternativas" de atendimento a meninos de rua. Foi a primeira semente que veio culminar com a aprovação do artigo 227 da Constituição, que depois veio a ser o Estatuto da Criança e do Adolescente. A história da criança no País começou com a criação do SAM (Serviço de Assistência ao Menor), ligado ao Ministério da Justiça, no período de 1940 a 1945. O menor era ligado à Justiça, então ele era quase um criminoso. O SAM formou apenas delinquentes. Depois veio o menor tratado com as chamadas políticas de compensação, como a Febem, a Funabem, ligadas ao Ministério da Previdência, com políticas que suprimam as necessidades, até chegar ao absurdo do vale do leite. Esse vale do leite deveria ser salário e não esmola dada em filas. Todas estas outras estruturas que apareceram com políticas de compensação, aquilo que o Governo tirava, tentava repor politicamente, tirando vantagens políticas. Hoje, o Estatuto da Criança e do Adolescente não os coloca mais como delinquente e nem como quem depende apenas de favores. A criança que hoje é uma cidadã, é a criança cujo município é também o grande responsável por ela. Todo o nosso trabalho hoje é para a implantação do Estatuto, nesse reconhecimento da criança cidadã e com seus direitos. Até hoje a criança foi tratada como menor, agora deverá ser tratada como cidadão de direitos. Direito à saúde, à escola, à re-

criação, de ser criança e de ser brasileira. Se nós hoje estamos lidando com essa criança que está na rua, é em vista da implantação desses direitos.

P — O senhor acredita então que o Estatuto representa um avanço e vislumbra melhoras a partir da sua implantação?

R — Quando o presidente se apresentou em Nova Iorque no final de setembro do ano passado, fez um discurso falando sobre a criança no Brasil, que teve uma repercussão enorme na Europa, que chama o nosso Estatuto de a "Carta Magna da Criança e do Adolescente no Brasil". Por isso, quando hoje encontramos confrontos, inclusive diante de juizes, ou de pessoas ligadas à área, dizendo que o Estatuto é impossível, que é uma lei impraticável no Brasil, então perguntamos, o que foi negado ao menor no Brasil até hoje? Não se pode apresentar algo mais progressista? Não se pode mudar mais essa face do Brasil? Essa face da vergonha que nós sentimos até hoje? E para a criança não tem que ser dado o melhor? Ela não tem que ser prioridade nacional para a transformação do País? O cimento armado e as usinas atômicas até hoje não transformaram nada no País. Pelo contrário, nós estamos vivendo a situação e o abandono de como o homem brasileiro se sentiu. O Estatuto veio valorizar o homem na sua criança. Então, a gente tem essa esperança. Não se pode condenar sem antes colocar em prática. A capital Brasília, que era um sonho tão atacado, tão alvejado pelos políticos da época, ela não se tornou realidade quando foi lançada a pedra fundamental, mas quando foi sendo erguida e confrontando-se com as dificuldades. O Estatuto da Criança e do Adolescente hoje para mim é essa primeira pedra fundamental da transformação desse País no futuro.

P — Qual o trabalho que o senhor vem desenvolvendo especificamente e que levou a Unicef a lhe conceder o prêmio?

R — Nós começamos esse trabalho em Belo Horizonte há 18 anos. Um trabalho preventivo, iniciado na Cabana do Pai Tomás. Isso porque, o menino que vem a ser a criança de rua, possui uma trajetória. Primeiro é o menino que está andando sem nada para fazer na favela. Ele não está freqüentando escola, não tem uma

Irmão Mesquita vê no menor carente o fator maior de união das igrejas. Todos os outros discursos fizeram com que elas se aproximassem. Mas, na prática, a criança foi o elemento que uniu igrejas cristãs e grupos espíritas.

João Seixas



casa ampla para ficar. Então o espaço dele é a favela. Falta a presença dos pais e, quando eles existem, estão lutando pelo trabalho em diversas partes da cidade, retornando tarde à casa e, portanto, não fazendo parte da vida dessa criança. Então, essa criança está aos cuidados da irmã mais velha. Aos poucos ela vem para a estrada, começa nos semáforos vendendo frutas, jornais, engraxando sapatos, trabalhando em porta de mercado. Então ela já se afastou do seu meio. A relação com a sua casa, por mais miserável que seja, com a sua realidade social, começa a ser diminuída. Essa criança é candidata a ser absorvida pelos bandos organizados da estrada, que é quando se corta totalmente o relacionamento que ainda havia entre a sua casa e a rua. Esse tipo de trabalho na rua

propicia essa situação porque os bandos de rua não são bandos que se organizam de hoje para amanhã. São bandos estruturados e nesse meio há os adultos que exploram, que vivem do resultado dos assaltos. Então o menor cai nessa malha e, muitas vezes, para ele chega quase a ser uma situação irreversível. Nós começamos um trabalho no Centro Salesiano do Menor (Cesam), justamente com o objetivo de fixar o indivíduo na sua realidade. Nós começamos preparando o menor para o trabalho. Então, nesses 17 anos, nós já colocamos na Cabana do Pai Tomás entre 9 e 10 mil menores para trabalhar. Muitos foram absorvidos na Líder Táxi Aéreo, Fiat Allis, FMB, Varig, Banco de Crédito Real, Caixa Econômica, escritórios, agências de turismo e diversos setores. Os garotos co-

meçaram com 10 e 12 anos e hoje estão fixados nos serviços. Foi um trabalho preventivo. Mas, como eu dizia antes, é uma torneira que está aberta e jorrando água. E essa torneira é mais violenta que o nosso trabalho. Então, quando o milagre brasileiro começou a manifestar os seus resultados, tem-se a impressão de uma grande concentração de pessoas, aquela festa de cores, mas quando esse povo sai da praça o lixo que se ajunta é muito grande. Apesar de trabalhar numa área social, de prevenção, a meninada e a miséria são muito maiores. Depois do menino de rua a menina, que não era uma realidade na rua nesses últimos oito anos, passou a ser freqüente, numa realidade muito mais brutal. Foi quando a gente passou para o trabalho na rua, em sintonia com a arquidiocese

de Belo Horizonte. Dom Serafim quando assumiu a Arquidiocese de BH disse que uma das prioridades do seu trabalho seria a criança.

P — E como é esse trabalho?

R — Então nós fomos para a rua. O primeiro trabalho é o contato direto com o menino de rua. Nós aprendemos a trabalhar com esse menino. Quantas vezes nós chegávamos na Praça Raul Soares, Savassi ou Praça Sete, víamos um bando de meninos e perguntávamos como iríamos começar. Até que a maneira foi muito simples, começamos a conversar com eles. No primeiro momento houve aquela repulsa do menino. Ele nos olhava como adultos, significando violência, porque do adulto até aquele momento ele só recebia violência, desprezo, cassetete ou pontapés para entrar no camburão. Mas quando o menino sentia o nosso gesto de amizade, depois de quatro ou cinco vezes, o chamado menor passou a ter uma confiança. Passou a jogar o seus problemas para cima de nós. E é claro que nessa convivência saíamos com piolho, sarna, com tudo que o menino tinha ali. Era o que herdávamos. No primeiro momento começamos a levar os meninos aos domingos para o Colégio Salesiano. Meninos de rua, bandos organizados. Para que eles se sentissem crianças no espaço do Colégio. Dentro daquele espaço, sem ter a ameaça do cassetete, da repressão, poderia correr, brincar, ser criança. Foi nesse momento que encontramos os meninos e eles nos encontraram. Daí surgiram várias perspectivas. Os grupos de rua foram aumentando e a imprensa nesse período ocupou um papel muito importante, chamando o povo para essa outra visão do menor. Não apenas o menor assaltante, mas o outro ser que está escondido nele. Essa criança maltrapilha que está na rua, que assalta e rouba ou foi feita por essa sociedade. Mas, dentro dele, existe a outra criança, capaz de te beijar, e que quer de você um contato. Esse menino precisa de te agarrar, precisa de você. Nesse relacionamento, nesse aumento do grupo de trabalho vieram várias iniciativas. A Casa Dom Bosco é um exemplo. Ela é resultado da Campanha da Fraternidade de 1987, que tinha o tema "Quem acolhe um menor a mim acolhe". A Casa é um ponto de referência para o menino de rua. Depois a Pastoral criou a Casa de Apoio na Lagoinha, que é também para receber

meninos de rua. Outras igrejas organizaram também pontos de encontro para esses meninos. E esse trabalho, tanto o primeiro, preventivo, quanto o de rua, passou a ter uma repercussão nacional e, inclusive, em nível internacional. Toda essa trajetória, esse trabalho que nós viemos fazendo foi que levou a Unicef a nos conferir esse prêmio "Criança e Paz".

P — Como será o trabalho agora, depois do prêmio?

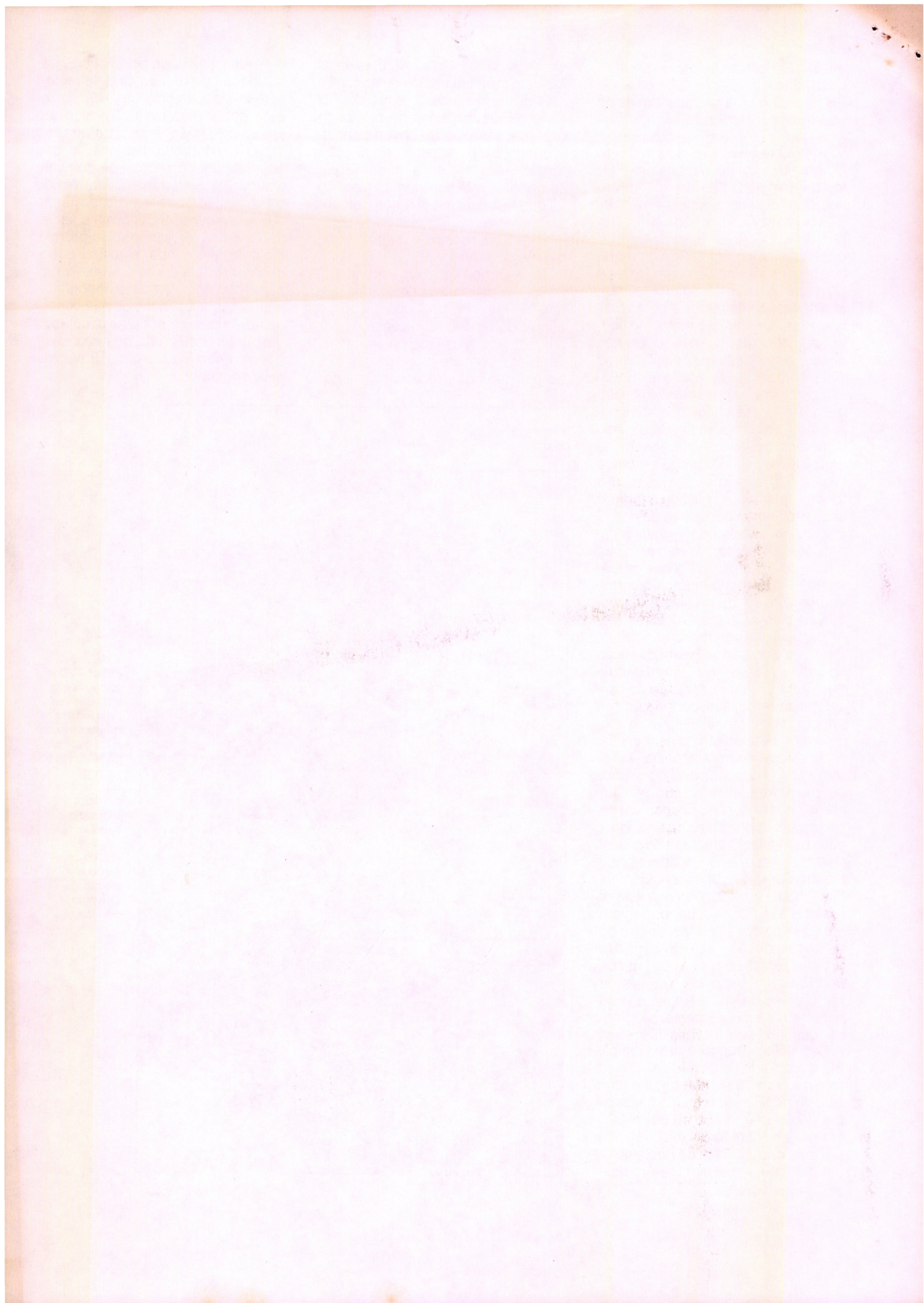
R — O meu coração ficou abalado no dia da entrega do prêmio. Estavam presentes políticos, bispos, a cúpula da Unicef, representações diplomáticas. Mas estava presente também o primeiro grupo de meninos de rua que nós assumimos, menos

um, que foi baleado pela polícia nesses pegadas de rua, antes dele se tornar um cidadão honesto. Não deixaram espaço para ele. Foi o único que faltou, o Alemão. Isso foi o que me tocou mais profundamente, e que nos trouxe a convicção de que vale a pena. Não estamos transformando o Brasil não, mas a transformação desses meninos transforma a sociedade. Então, ter ganho esse prêmio, mais do que nunca, significa que a gente deve continuar a lutar. Principalmente por termos o reconhecimento daqueles meninos que conseguiram superar e por uma população que, hoje, a meu ver, começa a ver o menor numa outra ótica. Então vamos continuar a luta.

Bernadete Nery



A defesa da criança e do adolescente está centrada hoje em um movimento de nível nacional, dividido em três grupos distintos: o primeiro, movido pelo sentimento cristão, outro levado pelo medo e, o último, de natureza política.



Salesiano ameaçado de morte por defender menor abandonado e indicar origens do vício

de Eduardo González

"Se eu morrer não faz diferença, qual é o problema?" Respondeu um dos 30 milhões de menores abandonados que perambulam pelas ruas do Brasil, ao limão Mesquita, salesiano que há vários anos cuida de menores carentes. O religioso ensinava ao menino que não andasse no pára-choque de ônibus para que não morresse. O pivete passou a se sentir como um ser inútil à sociedade. "O menor é um profeta que está presente para denunciar as injustiças que lhe são cometidas", afirmou Mesquita. "Estou sendo arrastado de morte desde o ano passado", por defender o menor e combater as origens que levam a criança a sair de casa e roubar para comer.

Num clima de revolta contra a estrutura da sociedade capitalista, o salesiano colocou a situação em que vive o menor abandonado. A família do pivete está numa situação miserável. O pai do menor ganha salário mínimo e a mãe tem que trabalhar fora para ajudar no orçamento. Ele mora num barraco com dez a doze pessoas. O dinheiro é necessário para ir à escola. E isso é o que mais falta em casa. Sem escola e sem comida a criança é obrigada a sair do lar e batalhar sua vida sozinha. O número de trombadinhas, hoje nas ruas, está crescendo assustadoramente.

Há sete anos atrás, não existia, nos "bandos", meninas. Elas foram absorvidas de sua

verba destinada ao órgão entrou no bolso dos corruptos que dirigem o país. Consequentemente, o pobre ficou sem casa própria e continuou a morar nas favelas. A criança para escapar de todos os problemas que sua família enfrenta, procura um meio para fugir da realidade. Então, ela entre no mundo da droga.

"O menor quando cheira cola ou fuma maconha, se desliga totalmente da vida". Quando drogada, a criança sente sensações de valentia. Ela imagina que está matando policiais, roubando bancos. A droga passa a fazer parte da vida dos meninos bem cedo. Com dez a doze anos, eles já mexem com tóxico. Além da droga, um dos principais culpados que faz a criança viver num mundo de fantasia são os meios de comunicação.

O meio pré-fabrica o menor. Televisão é ilusão para criança, afirma Mesquita. O "Xou da Xuxa", programa para público infantil da Rede Globo é destinado apenas a um grupo de leite condensado. No horário, os comerciais veiculados são de Danoninho, boneca da Xuxa. Quem pode consumir os produtos é a minoria. A realidade da criança brasileira é outra. O meio de comunicação quando noticia sobre um pivete não vai às origens verdadeiras.

Estes bandos de menores sempre são orientados por um adulto, citou limão Mesquita.

Geralmente este adulto é um policial, que acoberta o trombadinha para que ele não seja preso. O problema é bastante complexo, ressaltou Mesquita. Em dois principais problemas em relação ao menor, são as entidades governamentais de assistência. A FUNABEM (Fundação Nacional do Bem Estar do Menor) foi criada para centralizar o problema. É importante que os municípios também trabalhem. Várias entidades de assistência ao menor, poderiam receber no mês de dezembro em 87, um auxílio de 200 mil cruzados, mas essa verba chegou em março deste ano, e reduzida para 140 mil cruzados.

Os funcionários da FEBEM são míseros batedores de ponto. O trabalho realizado com o menor deve ser bem humano. Para lidar com os meninos tem que ter um pouco de "misitismo". Não é um trabalho como outro qualquer. limão Mesquita denunciou o projeto "O bom menino" do presidente Sarney, observando ter sido a oficialização da exploração do trabalho do menor.

Fracassou em todo país, de Norte a Sul. O menor trabalhador ganha durante quatro horas, cinquenta por cento do salário mínimo. O que hoje seja a quantidade de 5 mil cruzados. Um menino que mora numa favela perto do centro vai gastar a metade do salário, em transporte. A outra metade entra na alimentação e vestuário. E como ele vai

à escola? A educação não é gratuita no país. O estudante precisa de dinheiro para comprar material escolar. Não sobra nada para o pequeno trabalhador. Consequentemente ele fica sem estudar. Então a criança vai para as ruas e a sua presença incomoda a muita gente, diz o religioso.

O pequeno que rouba ou pede esmolas, é uma afronta aos comerciantes. Uma semana antes do Natal, a polícia prende os menores e solta os meninos depois do Ano Novo. É um transte ver tantos meninos nas ruas no Natal e ao mesmo tempo estarem 80 mil lâmpadas acesas pelas ruas da cidade. Quando um casal sai de uma boite e encontra um menino pedindo esmolas, ele se sente incomodado. O pai dessa criança, contudo, trabalha três meses para ganhar o que eles consumiram em uma noite. O Brasil é um país de contrastes, falou Mesquita.

"Os empregados das mansões de inúmeros quartos nos Mangabeiras moram em barracos de dois cômodos. O problema do menor abandonado não está presente apenas no Brasil. Em todos os países subdesenvolvidos temos esta situação. Principalmente no México, Filipinas, Índia e Colômbia. A solução para o problema vem a longo prazo. O povo está sendo manipulado e precisa de maturidade política. A consciência política é fundamental na resolução

limão Mesquita

Jo problema do menor carente", conclui Mesquita.

O salesiano explicou que também não existe apenas o menor abandonado, que não tem dinheiro para viver. Existe o menor que é carente de afeto e carinho materno e paterno. Esses casos estão presentes na classe A. Tudo que o filho pede, ele tem. O jovem pensa que a vida é apenas sexo e drogas, re-

fugiando-se então nos prazeres.

limão Mesquita está na Congregação dos Salesianos há 38 anos. Conhecendo e convivendo bastante com o menor abandonado, foi convidado inúmeras vezes para proferir palestras no exterior. Este ano recebeu a condecoração do "cidadão de melhor atuação na área social", promoção do Jornal Estado de Minas.

